



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS
CURSO: PSICOLOGIA

AS PREOCUPAÇÕES DA ADOLESCENTE MULHER AO ESCOLHER UM CURSO UNIVERSITÁRIO

ANA CARINE CÔRTEZ FIGUEIREDO

BRASÍLIA
JUNHO/2005

ANA CARINE CÔRTEZ FIGUEIREDO

AS PREOCUPAÇÕES DA ADOLESCENTE MULHER AO ESCOLHER UM CURSO UNIVERSITÁRIO

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
Psicologia do UniCEUB - Centro
Universitário de Brasília.

Prof^a. Orientadora: Virgínia Turra

Brasília/DF, junho de 2005

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por estarem sempre comigo em todo esse
empreendimento
a psicologia,
Ao meu chefe Dr. Getúlio, que contribui para que eu chegasse ao
fim,
A todos que me fizeram entender a importância deste trabalho,
entre eles, a minha família, irmãos e irmãs, mestres, amigos e
colaboradores.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus:
pelo privilégio de me proporcionar o aprendizado,
que renovou, a cada dia o Seu desejo de me fazer prosseguir neste
projeto,
pela vida, que por sua misericórdia, ainda a tenho,
pelas inúmeras bênçãos recebidas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
DESENVOLVIMENTO	10
Adolescência	10
Considerações sobre o Adolescente	10
O Perfil Biológico, Psicológico e Social do Adolescente	12
O Perfil Biológico	12
O Perfil Psicológico	14
O Perfil Social	15
Conhecendo as Realidades de Hoje	16
A Dúvida do Adolescente na Hora da Escolha	22
PESQUISA	30
Amostra	31
Procedimentos	31
Apresentação e Análise dos Dados	32
Preocupações dos Adolescentes	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
BIBLIOGRAFIA	46
ANEXO I: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	48
ANEXO II: CARTA DE APRESENTAÇÃO	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Histograma das idades da amostra geral	32
Gráfico 2	Distribuição geral dos gêneros por idade	33
Gráfico 3	Histograma do tipo de escola na amostra geral	34
Gráfico 4	Distribuição percentual das preocupações na amostra total	36
Gráfico 5	Distribuição percentual das meninas por residência	37
Gráfico 6	Distribuição percentual das escolas das meninas por residência .	38
Gráfico 7	Distribuição percentual das preocupações das meninas por residência	39
Gráfico 8	Distribuição percentual das preocupações das meninas por idade	40
Gráfico 9	Distribuição percentual das preocupações das meninas por escola	41

RESUMO

Trata de pesquisa sobre as preocupações da adolescente mulher na escolha do curso universitário. Relata várias considerações generalizadas sobre o adolescente, nos mais diferentes contextos do seu cotidiano. Analisa, separadamente, o perfil biológico, psicológico e social. Em cada um deles são registrados os seus desafios e dificuldades nessa fase de transição. Traz um referencial do jovem adolescente na realidade atual, mostrando, inclusive, o eterno choque cultural entre gerações e as suas diferentes formas de pensar e agir. A partir destes pré-requisitos, inicia uma análise mais direcionada sobre a dúvida do adolescente na hora da escolha de um curso universitário. Mostra, então, a importância da escola como um veículo para contribuir no projeto de vida do jovem. Desenvolve uma pesquisa sobre o adolescente frente ao vestibular, buscando uma definição para a sua carreira profissional. Encerra este trabalho através da demonstração da análise e discussão dos dados, com gráficos e tabelas que representam os resultados das entrevistas realizadas com jovens adolescentes que buscam uma definição para as suas carreiras profissionais.

INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa, na conclusão de um curso, é, com certeza, o fechamento de uma etapa que possibilita a definição de um tema e, gera o prazer de certificar o aprendizado acadêmico, além de ampliar o conhecimento. Todos estes elementos somados à possibilidade do exercício de uma carreira profissional justifica, agora, a realização de um sonho que começa a se concretizar gradativamente, proporcionando no tempo e no espaço o seu devido amadurecimento.

A monografia, por definição, é um trabalho solitário. Mas como bem disse o poeta, o sonho que se sonha junto é realidade. A cada dia a Psicologia como Ciência e Profissão aponta para o diálogo, para a interdisciplinaridade, para as parcerias. Por acreditar, dessa forma, que o sonho deve ser compartilhado, esse trabalho foi feito de um modo especial. A pesquisa de campo foi levada a termo no contexto da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II, turma ministrada pela Profa. Virgínia Turra, orientadora deste trabalho. Trata-se de disciplina obrigatória para o curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, que tem os estudos sobre a adolescência como objeto da Ementa. Os dados foram disponibilizados para desenvolvimento de textos e material didático. Com essa prerrogativa, foram geradas duas frentes de discussão: no presente trabalho serão analisadas as respostas das adolescentes mulheres, e numa segunda frente, levada a cabo por Patrícia Albuquerque Bonazza, serão analisadas as respostas dos adolescentes homens. Assim temos duas faces de uma mesma realidade, duas discussões que apontam para desafios de atender aos adolescentes nesse importante momento da vida.

O interesse para o papel do adolescente na escolha de um curso universitário, surgiu a partir da convivência com alunas do sexo feminino, do segundo grau, em fase de preparação para o vestibular. Este acompanhamento culminou com o desejo de aprofundar sobre este tema e alcançar a conclusão desta monografia. Dentre as possibilidades surgidas, procurou-se a aplicação de uma pesquisa entre as alunas, com metodologia clara, que pudesse, principalmente, ter uma avaliação consistente sobre a opinião dos envolvidos.

Foi pensando nessa perspectiva que o trabalho estabeleceu seus objetivos sobre o tema “Qual é a principal preocupação do adolescente ao fazer a escolha de um curso universitário?”. O seu embasamento teórico percorreu desde a psicologia da adolescência e suas implicações, passando pelas dificuldades que o adolescente enfrenta diante de suas dúvidas, até à realização do projeto de vida.

O que se pode observar neste primeiro contato com eles foi que, embora vários adolescentes possuam condições diferenciadas de outros, por causa de suas classes sociais, sofrem das mesmas angústias que os menos favorecidos na classificação social. Neste aspecto, há certa concordância, entre eles, no que tange o isolamento do meio familiar por se considerarem incompreendidos.

No desenvolvimento foi enfatizado os aspectos biológicos, psicológicos e sociais da Adolescência. O trabalho ressalta o processo histórico de transição da infância para a adolescência, do 2º grau para Curso Universitário, enfim do adolescente para o jovem profissional, uma vez que a construção da identidade é um processo complexo, bio-psico-social. Neste mesmo capítulo, o trabalho mostra a realidade conturbada desta era que, conseqüentemente provoca os desajustes humanos, decorrente, muitas vezes, do progresso tecnológico, da automação e das vertiginosas mudanças sociais. Através de uma linguagem aberta é possível

verificar, no texto, a importância de se tomar conhecimento dos aspectos normativos de desenvolvimento biológico, psicológico e social da adolescência. São fatos que abordam a realidade atual e a insegurança que o adolescente é submetido na hora da definição do “ser ou não ser” profissional. Foram citados alguns relatos a respeito da influência exercida pelos pais na hora dos adolescentes escolherem o seu caminho profissional, bem como fatos que acontecem após o vestibular e que levam os adolescentes a uma inércia acadêmica.

Foram apresentados e discutidos os dados gerais da pesquisa, e os dados específicos para este trabalho. A pesquisa desenvolvida buscou em primeiro lugar, informações sobre a relação entre o dilema da escolha e o status da qualificação e dos atributos estabelecidos para o trabalho em questão. Mas teve também, o cuidado de avançar a pesquisa no sentido de buscar informações atualizadas, sobre o tema e a necessidade de mudanças urgentes, na maneira de encarar os desafios do próprio adolescente e, a sua preparação na escolha da carreira profissional.

DESENVOLVIMENTO

Adolescência

A adolescência é uma transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta. Ela dura aproximadamente dos doze aos treze anos até o início dos vinte anos. Não há uma definição clara que marca o seu início ou fim. Mas, mesmo assim, considera-se que a adolescência inicia na puberdade, que é o processo da maturidade sexual, ou fertilidade. (Outeiral, 2003)

Considerações sobre o Adolescente

É certo que vivemos num mundo acelerado. De um canto a outro, as informações viajam rapidamente produzindo reflexos quase imediatos em locais distantes do globo. Portanto, o grande desafio, hoje, dos adolescentes é o momento em que eles, bombardeados por uma mídia fantástica e complexa, agora, por si só, vão fazer sua escolha profissional. É chegada a hora de saber que depende apenas deles o caminho que tomarão em busca dos sonhos da realização profissional, ou até mesmo para se auto-afirmarem perante o meio social em que estão inseridos. (Levisky, 1998)

O tema, “Qual é a preocupação do adolescente em escolher um Curso Universitário?”, revela a idéia do valor que os jovens adolescentes dão ao fato de se tornarem profissionais de sucesso. Essa proposta trás, a mostra, uma realidade bastante visível dos alunos postulantes ao exame vestibular quando deparam com esse momento tão exclusivo.

Certos de que o princípio de suas escolhas colabora na compreensão e aceitação de todos os parâmetros por eles estabelecidos, fazem suas escolhas, estabelecem seus projetos profissionais, mas nem sempre compensatórios. Entretanto, é necessário observar que esse princípio, na maioria das vezes, é de interesse apenas de poucos adolescentes, ou seja, daqueles que, desde já, trabalham para custear seus estudos, reconhecidos tradicionalmente, como os próprios responsáveis por esta etapa na sua vida escolar.

Com certeza, são de suma importância os critérios por eles adotados, porque pode não referir-se a um curso compatível com a escolha a ser realizada, então, essa carreira corre o risco de não atender as expectativas. Desta forma, a carreira deixa de ser reavaliada durante o processo de desenvolvimento do curso, impedindo o crescimento profissional do projeto estabelecido. E, conseqüentemente, impossibilitando acrescentar ou eliminar determinadas situações, de acordo com as necessidades que envolvem tempo e espaço adquiridos por esses adolescentes.

Nos últimos anos, o que se viu noticiado pela mídia, quase que diariamente, foram reportagens dos mais diferentes enfoques a respeito do vestibular. Mas, o que mais chamou a atenção da imprensa e, também dos que transitavam pelas vias públicas, nos arredores das faculdades, foram os trotes dos calouros. Corpos pintados, estudantes alcoolizados, humilhados pelos veteranos e obrigados a pagar prendas, além de pedir dinheiros nos semáforos para mais algumas cervejas, afim de satisfazer os caprichos da moçada. Toda essa disposição para garantir um lugar na universidade e alcançar a carreira tão almejada, justificava a situação a que estavam submetidos.

Afinal, passaram no vestibular e a grande conquista estava, publicamente, anunciada como dever cumprido nesta etapa. O esforço empreendido durante

meses na busca de seus intentos, deixa um questionamento muito mais complexo e sério quanto à preocupação com o curso universitário. Para quem é esta escolha? Para a realização vocacional do próprio aluno, para realizar a vontade da família ou para atender uma pressão do sistema que exige o diploma, na hora de guerrear por um espaço no mercado de trabalho?

O Perfil Biológico, Psicológico e Social do Adolescente

Separadamente foram realizadas algumas pesquisas sobre os diferentes aspectos do adolescente, para maior compreensão dos impactos causados na vida do jovem, nesta fase. Na busca do conhecimento de cada um deles - biológico, psicológico, social - ficou evidenciado que apesar de serem partes específicas, há uma necessidade vital que elas caminhem em conjunto e harmoniosamente.

O Perfil Biológico

Primeiramente, é necessário esclarecer que, os termos adolescência e puberdade, dizem respeito a situações diferentes. Puberdade diz respeito às mudanças corporais, enquanto o termo adolescência está relacionado ao conjunto de modificações: biológicas, psicológicas e sociais. (Outeiral, 2003)

O momento de maiores mudanças corporais, súbitas e intensas acontece na adolescência. Estas mudanças progredem e o jovem não tem nenhum controle sobre elas. As mutações no seu corpo passam a ser um fato durante um longo tempo e desconhecendo a sua forma definitiva. Surgem, então, as dúvidas, inseguranças e preocupações que provocam uma grande ansiedade. (Ferrari, 1996)

As perguntas como “Quando será que vou parar de crescer? Não está acontecendo cedo demais? Demorando demais? Eu não vou crescer? Meus pés não estão muito grandes? E as espinhas? E o meu nariz? E o cabelo?”, geram angústia, principalmente se o jovem não tiver com quem compartilhar.

Por outro lado, o jovem adolescente depara também, no seu processo de amadurecimento, com várias perdas, entre elas a perda do corpo de criança. E adaptar-se ao novo corpo e refazer o esquema corporal, que é a imagem criada por ele mesmo do próprio corpo, levará tempo, pois elas não acontecem de uma só vez. Esta redefinição apresenta dificuldades para que ele se localize, adequadamente, no espaço e no contexto em que vive. Ora se sente desajeitado, ora se sente estabado, o que o torna alvo fácil de críticas e da falta de sensibilidade dos adultos e, até mesmo, dos colegas que passam por dificuldades semelhantes. Assim, em um corpo desconhecido e estranho, toda e qualquer situação nova acumulam mais dúvidas e ansiedades. E as brincadeiras, os mitos, os tabus são aspectos que contribuem para agravar a insegurança relacionada ao corpo. (Papalia e Olds, 2000)

Nas transformações corporais, características da puberdade, são constituídas pelo enorme crescimento físico - o chamado estirão da puberdade - e pela maturação sexual. Mas elas não acontecem ao mesmo tempo e no mesmo ritmo, para as meninas e os meninos. As meninas passam por estas mudanças, mais ou menos, dois anos antes dos meninos, mas, em ambos os sexos, nem sempre quem começa mais cedo completa o desenvolvimento mais cedo. Esta variável pode ser constatada também, quando o adolescente demonstra ou não maturidade nas suas ações, inclusive na escolha vocacional.

Neste processo surge a maturação sexual que constitui estágios de desenvolvimento mamário e dos pêlos pubianos das meninas, e, estágios de desenvolvimento dos genitais e dos pêlos pubianos dos meninos. Com tantas mudanças é quase impossível evitar dúvidas e preocupações com o próprio corpo. E o pior, é que há ainda uma dificuldade para se falar no assunto, o que facilitaria e amenizaria os grandes problemas detectados na adolescência e, o seu confronto com a realidade pessoal e profissional.

O Perfil Psicológico

O pensamento mágico, das histórias infantis vivenciados pela criança é substituído pelo pensamento baseado nas evidências dos fatos reais. Enquanto criança, o indivíduo espera pela intervenção extraordinária da fada para modificar o panorama da logicidade e da fatalidade dos acontecimentos. Agora, enquanto adolescente passa a procurar as relações de causa e efeito no que ocorre ao seu redor. O aumento de experiência de vida possibilita o progresso da sensibilidade para receber estímulos ambientais, enriquecendo a sua vida mental. E este desenvolvimento mental obriga o adolescente a confrontar verdades que contrariam os seus desejos, dos quais o pensamento mágico o convencia da realização de milagres. (Brenner, 1987)

A evolução mental aliada ao espírito crítico desenvolve no perfil psicológico do adolescente, a necessidade de criticar a família, a escola e a sociedade em geral, sentindo-se frustrado e insatisfeito com tudo o que agora é capaz de perceber e entender. Na maioria das vezes ocorrem verdadeiros traumas emocionais, conflitos etc. Estes, podem ser desencadeados como conseqüências da capacidade de compreender a realidade sócio-cultural de que participam. Tanto o reconhecimento

da realidade como o inconformismo com a mesma, são motivos de sofrimento e de angústia para o adolescente.

Por outro lado, a desordem atribuída ao adolescente, mostra uma reação atípica, cujo comportamento apresenta soluções excepcionais. A adolescência termina, psicologicamente, com o estabelecimento de padrões relativamente consistentes para tratar com os conflitos internos e exigências da realidade, pelo indivíduo maduro. Por isso, que a duração da adolescência pode ser definida em termos de processos psicológicos, principalmente em face das limitações no emprego de outros elementos.

Segundo esta estrutura de referência, a adolescência começa com as reações psicológicas do jovem as suas mudanças físicas da puberdade, e, se prolonga até uma razoável resolução de sua identidade pessoal. Dentre estas resoluções, está a escolha e definição da carreira profissional.

O Perfil Social

Várias são as interpretações da adolescência na sociedade moderna. No entanto, clínicos e cientistas sociais concordam que há a existência de uma cultura jovem.

Em um de seus trabalhos, Eisenberg afirma que, à medida que as exigências sociais determinam a complexidade dos papéis adultos, aumentando a sofisticação tecnológica na sociedade, a tendência é se tornar mais prolongada a adolescência. Especialmente, na ausência dos ritos da puberdade para significar maturação, a sociedade moderna está produzindo aumento em sua duração e uma luta confusa para que seja alcançado o

status adulto. P. Blos, em uma interpretação psicanalítica da adolescência, comenta de modo similar que a sociedade moderna tende a reduzir progressivamente a ritualização da adolescência e os papéis do adolescente, colocando uma grande carga nos ombros dos adolescentes e possibilitando um alto grau de diferenciação e individualização de personalidade, porque não há modelos obrigatórios. (CAMPOS. 2002. p.35)

A descrição das várias maneiras que, ora diz que o adolescente possui um conjunto de valores, padrões e formas de comportamento distintas do que é habitual no resto da sociedade, ora consideram o adolescente como um marginal que rejeitou o mundo infantil, mas que ainda não foi aceito no mundo dos adultos. Alguém, como muito humor, descreve os anos da adolescência como os anos do “quase”. É o estágio em que o indivíduo se torna quase um homem, quase um rapaz, está quase pronto para ser pai e/ou produtor assalariado, e quase certo de que vai ser capaz de realizar tudo aquilo que, muito logo será esperado dele.

De acordo com estas descrições da fase é possível supor os problemas emocionais enfrentados pelo adolescente para desempenhar seu papel social de cidadão, filho maduro, pai independente e profissional realizado. Os direitos, deveres, conformidade, cooperação, lealdade, competição e, enfim, todas as atitudes sociais exigem um ambiente seguro para serem exercitados.

Conhecendo as Realidades de Hoje

Desde muito cedo, o tema vestibular passa a fazer parte do cotidiano de crianças e adolescentes. Muitas escolas, de educação infantil e de ensino fundamental, já se defrontam com pais e alunos que querem saber se o projeto

escolar considera de fundamental importância o exame para o ingresso na faculdade.

A criança nem bem entende direito o que é escola e o que significa ser aluno, e os pais já pensam nelas diante do vestibular. Durante todo o ensino fundamental, professores e pais utilizam de um discurso, quase sempre, ameaçador, sobre a hora e a vez do vestibular. E, infelizmente, este discurso com o objetivo de obrigar o aluno à concentração da aprendizagem, mesmo que bem intencionado, acaba, na maioria das vezes, produzindo efeito contrário. Basta comprovar a realidade dos fatos, em relação à minoria que consegue concretizar o terceiro grau. Ou então, constatar a triste realidade de formandos que, ora não exercem suas profissões e ora as exercem de modo frustrante.

Neste aspecto, o grande diferencial das escolas para muitos pais, é que ela prepare bem seus filhos para passarem no famigerado exame. E, ao chegarem no ensino médio, na idade adolescente, quando acabaram de freqüentar, muitas vezes, por até oito anos o ensino fundamental, são encorajados e ou oprimidos, a transferirem para outra escola. Justamente nesta hora de transição, tanto biológica quanto comportamental, é que o adolescente se depara com algumas situações extremamente delicadas e questionadoras. Entre elas, está a falta de um motivo justo para exigir que o aluno freqüente uma escola, tradicionalmente, famosa pela sua eficiência em conseguir classificar alunos para determinadas faculdades. Somente porque são mais renomadas que outras. Outras vezes, está a falta de oportunidade para alunos de baixo poder aquisitivo, que sequer freqüentam algum curso preparatório. Entre estes extremos fica a desejar, a eficácia nos resultados esperados para a formação educacional de jovens que deverão atuar neste milênio.

O fato é que passar no vestibular acaba se tornando o grande desafio dos adolescentes, a grande meta da vida, uma das coisas mais importantes a almejar. Mas, o grande obstáculo é que tudo pára por aí mesmo. Passar no vestibular, é o bastante para entenderem que a importância da caminhada termina, pois o objetivo foi alcançado e nada mais faz sentido para muitos daqueles jovens adolescentes, agora universitários, antes tão concentrados na meta a ser alcançada.

Os pais, através deles, entraram de cabeça neste equívoco, e também, boa parte das escolas mergulharam juntas nesta aventura sem precedentes. Basta ver a profusão e o gigantismo de certas propagandas que, as escolas de ensino médio ostentam nas ruas das grandes cidades, em busca do tão almejado público: os adolescentes.

Como se não bastasse, para constatar aquilo que eles e os pais também valorizam, ou seja, os primeiros lugares nos exames vestibulares, basta verificar a quantidade de alunos que conseguiram acesso às faculdades. Se o aluno aprendeu a viver e a conviver no espaço público, se experimentou verdadeiramente as responsabilidades e os deveres decorrentes da vida em grupo, se vivenciou a solidariedade com os colegas, se teve a oportunidade de se tornar aluno e apreciar o conhecimento, isso, na verdade, não importa.

Importante mesmo é entrar na faculdade. Já sair dela ou como sair, é outra história. Os professores universitários conhecem de perto, o desinteresse e a passividade dos alunos do chamado *ensino superior*. Fazer faculdade, hoje, significa para muitos adolescentes a oportunidade de viver na farra e para outros a chance de *status* ou independência financeira.

Abandonar o curso escolhido, perder o interesse pelos estudos, trocar de curso por perceber que não tem nada a ver com ele, deixar disciplinas pendentes por vários períodos, são práticas cada vez mais comuns na vida universitária.

Muitos jovens adolescentes, antes tão envolvidos com o estudo que possibilitaria a entrada na faculdade, passam a mostrar interesse em abandonar a escola para se dedicarem a alguma atividade profissional que dispense a graduação universitária. O mais sério é que, a maioria deles desconhece projetos ou programas que possam contribuir na busca de solução, para que esses adolescentes não percam a visão de objetivos determinados. É vital que haja estímulo e que estes objetivos sejam preservados de tal maneira, que o desejo de renúncia nem faça parte do vocabulário e da mente do adolescente. A escola, de uma maneira geral, precisa incluir no seu currículo, inclusive como prioridade, a informação e o entendimento de como desenvolver e concluir objetivos propostos. Só assim, o aluno, o adolescente, o vestibulando poderá estar exercitando o aprendizado contínuo ao longo da sua vida profissional e pessoal.

Está na hora de avaliar toda estratégia, muitas vezes bem sucedida, mas, com grande percentagem de alunos que se frustram pelos cursos escolhidos. O tamanho da importância dada ao vestibular e de apontar a vida dos filhos e alunos qual a melhor direção para cada um, leva a um caminho perigoso, e, para muitos, até mesmo desastroso.

Os adolescentes merecem e precisam uma melhor orientação na vida, para que eles próprios façam suas escolhas, dentro da aptidão de cada um. Eles precisam desta oportunidade. Cabem as escolas, aos pais e adultos, essa tarefa. Professores e pais deveriam unir-se nesta propositura de darem um basta nesta

idéia da competição e conspiração contra os interesses da liberdade de escolha dos adolescentes.

É importante, por exemplo, que os alunos aprendam literatura, música, as artes de maneira geral, como um recurso que possibilita através da criatividade e imaginação, a descoberta de vocações. São disciplinas portadoras de conteúdos que provocam questionamentos e reflexões, no sentido de levar a uma maior compreensão e entendimento da vida. Elas trabalham com metodologias que trazem a tona o que está, muitas vezes, oculto ao próprio aluno, sobre as suas habilidades e seus dons. E serão descobertas fundamentais para definir escolhas profissionais e posturas diante do mundo.

Um currículo desenvolvido tendo o foco na mobilização da imaginação possibilitará a aprendizagem de conceitos e dos sistemas simbólicos - como a escrita, a linguagem matemática, a escrita musical -, além de constituir posturas de curiosidade e de busca de formas de ação não convencionais. Trabalhar a imaginação em qualquer nível de ensino desenvolve processos do pensamento e instrumentos mentais que dão autonomia e maiores recursos para a criança e o adolescente lidarem com os problemas da vida cotidiana.

A imaginação tem como um de seus eixos a temporalidade da experiência humana. Portanto, exercitá-la auxilia na construção de formas de comportamento que antecipam e preparam o desenvolvimento cultural e da vida em sociedade. As soluções para o que é problema hoje podem apontar para outras realizações do homem. (LIMA. Internet. Nova Escola: nº 166. p 14 “A imaginação e a escola”)

No entanto, esta visão holística do conhecimento, isto é, das ciências interligadas e voltadas para a essência do homem, vem sendo trocada por análises

superficiais e resumos que facilitam uma avaliação rápida e objetiva. Esta realidade, com certeza, resolve o problema das obrigações legais das instituições educacionais e da luta do educador contra o tempo. Porque este educador tem um conteúdo obrigatório para cumprir e, obrigar o aluno a registrá-lo no caderno, já que ele precisa estudar para uma avaliação que, na realidade, não avalia praticamente nada.

A prática deste procedimento é facilmente identificada dentro da maioria das escolas dos países atrasados e também, dos países em desenvolvimento. Elas começam na educação infantil e perpetuam durante todo o chamado “processo educativo”. Certamente, há exceções, mesmo que raríssimas, pois estar na escola e aprender, verdadeiramente, ainda é privilégio de poucos. No entanto, é necessário registrar que o avanço tecnológico e, principalmente, o da informatização, começa a criar uma nova mentalidade sobre o saber e a eficácia dele, através do homem pós-moderno. Claro que se trata de um tema polêmico, da necessidade de cuidados e aperfeiçoamentos que possam evitar e/ou corrigir, falhas graves dos processos anteriores. Conforme entrevista dada a revista Nova Escola, o jornalista Ricardo Prado, relata algumas considerações sobre o filósofo francês, Pierre Lévy.

O surgimento dos computadores e, mais tarde, de uma rede para interligar as pessoas em todo mundo, foi uma conquista tão importante para a humanidade como o controle sobre o fogo, acredita o filósofo francês Pierre Lévy. Segundo ele, estamos entrando na época da nooesfera (o prefixo noo quer dizer “relativo ao espírito”), na qual aparece pela primeira vez a possibilidade de construir uma inteligência coletiva. No livro Cibercultura, ele lança a pergunta: “Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses processos de transação de conhecimento? Saindo de uma educação e

de uma formação institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada de saberes". Para chegar a essa cultura planetária, a escola precisa assumir um papel fundamental: criar modelos de aprendizagem em que o professor seja um "animador da inteligência coletiva" do grupo de alunos e não mais um fornecedor de conhecimentos. Professor da cadeira de Pesquisas sobre Inteligência Coletiva da Universidade de Ottawa (Canadá), Lévy afirma que todos temos a obrigação de enriquecer nossa coleção de competências ao longo da vida. Ou seja, a divisão clássica entre um tempo de estudo e outro de trabalho já era. (NOVA ESCOLA. 2003. p.22)

A realidade vivenciada pelo ensino virtual vem, cada vez mais, demonstrando um fato novo num futuro próximo: a queda gradativa dos vestibulares. E, por isso mesmo, surge uma questão conflituosa de como atender, no mercado de trabalho, o profissional que acumula informações e obtém, em tempo recorde, explicações e metodologias de aplicação. O interessante e assustador é que não se resolveu problemas básicos do ensino tradicional, nem da pedagogia como ciência da educação, e, a humanidade já está diante de um novo desafio. Certamente, este movimento, esta capacidade do homem de interferir no processo histórico do mundo, é que faz da educação um veículo condutor para a arte do aprender e ensinar.

A Dúvida do Adolescente na Hora da Escolha

Segundo Alberti (2004, p.36), *"Até mesmo no que tange o campo do saber é fundamental a relação do sujeito com o Outro. Os fatores que se associam à possibilidade de saber são inúmeras..."*. Freud apud Alberti, *"a possibilidade de*

saber se associa diretamente à maior ou menor liberdade do sujeito na sua relação com a curiosidade”.

O adolescente nem sempre sabe se decidir e, o que ele faz “há quase sempre uma certa ansiedade” sobre o que será o melhor para ele, ou seja: “Qual o curso? O que ele pode oferecer?”. Estas, são sempre as perguntas que, a maioria dos pais, fazem a respeito da escolha de seus filhos. E ainda assim, fica a dúvida: “Será que ele se adaptará a esse novo desafio e vencerá seus limites?” As primeiras incertezas surgem exatamente dentro das próprias escolas, como explica Outeiral: “ *Qualquer ‘manual de educação moderna’ aponta como pressuposto a necessidade de respeitar as características individuais do aluno; entretanto, o que se verifica na prática é a realização de um ensino massificado, em grandes escolas de turmas enormes de alunos, mais ao estilo de uma linha de montagem industrial.*” (1994, 2.ed. p.33)

Outeiral, então, expõe que os alunos encontram dificuldades para assimilarem certos conteúdos dos conhecimentos aplicados, demonstrando que necessitam de mais tempo e espaço para esse domínio. Ele leva em consideração a falta de qualidade do ensino em consequência de salas de aulas superlotadas e, que não têm como suprir as dificuldades de aprendizagem do aluno. Com certeza, no futuro, esta falha vai refletir inclusive na escolha de um determinado curso.

Já na visão de Alberti, os insucessos a que estão vulneráveis, acontecem em função de situações que levam os adolescentes a aceitarem essas escolhas profissionais, pela educação das trocas de interesses. No mesmo texto, ele ainda lembra a conclusão de Freud quando afirma que “*a escolha do sujeito é a de poder escolher seu próprio destino*”, inclusive a sua opção profissional. E Aristóteles afirmava também, que há, uma certa, dose de acaso na escolha da profissão, pois

elas mudam de um sujeito para outro, ou seja, são influenciadas pela a história de vida de cada um, o que também pode ocasionar tanto mudanças no destino, como a permanência no mesmo.

Aberti, retrata que de qualquer forma, a escolha da profissão determina sempre o destino que o adolescente quer ter e, por outro lado, a insistência na sua escolha o levará a exercê-la. A conclusão que podemos chegar, segundo Freud *apud* Alberti, é que a escolha profissional, muitas vezes, exige poucas possibilidades, mas a insistência de uma determinação que lhe é própria. Causas e conjunturas podem, na hora da escolha, levar o sujeito, a querer o que lhe faça bem ao se exercer. Portanto, de uma vez, é necessário que a pergunta tradicional: “Quem sou eu?” surgida pelas próprias dúvidas da adolescência, não venha causar tanta angústia. E o adolescente possa respondê-la, com seriedade, a partir do que ele faz, ou então, até mesmo, quando se torna impossível obter essa resposta por completo. (p.40.).

O jovem adolescente encontra-se forçado a edificar suas próprias referências, muitas vezes, a partir das observações de outros adolescentes. Contudo, são capazes também, de solidificarem estas referências através da projeção dos ensinamentos dos pais, na infância. Para que o adolescente supra tudo isso, ele precisa, até mesmo, reconhecer o erro dos pais no seu encaminhamento profissional, e desenvolver a capacidade de compreensão sobre os anseios dos mesmos. É claro que, para esta tarefa, o adolescente precisará contar com um apoio especializado, dentro ou fora da escola.

A grande crise depressiva, gerada por esta confusão, acaba por criar conceitos e jargões do tipo: “Eu não quero nem saber”, como uma atitude covarde diante de uma situação indefinida. Segundo Spinoza *apud* Alberti, ele define “como

covardia moral, a depressão sintomatiza a dificuldade do sujeito de encontrar referências simbólicas suficientes para poder, de alguma forma, a partir delas, criar uma direção para si mesmo, isto é, investir numa aposta que possa fazer em suas próprias escolhas. É preciso coragem para escolher!”. (p.41).

Assumir como sendo de sua própria responsabilidade, por pior que seja o momento e a escolha, fará com que suas decisões sejam rompidas. Portanto, se o adolescente se sente de fato alienado a outra pessoa, ou seja, se a sua dependência é definida pelo desejo do outro, toda a sua escolha está fadada ao fracasso pessoal. Porque, todas as vezes que ele não conseguir exercer o que o outro exerce, sentirá totalmente frustrado. Mas, por outro lado, se sua escolha é inversa, sempre ditada pela suas próprias escolhas pessoais, de fato, ao fazer sua opção, ela terá uma probabilidade maior do que é possível e com sucesso.

Conforme Alberti, *“um exemplo disso é o da adolescente a que me referi no início do livro e que pôde escolher passar no vestibular após vencer tantas dificuldades em função de sua identificação com a falha do pai que se aposentava”*. (p. 42). Os conflitos são criados quando, na proporção em que toda escolha impede agradar a “gregos e troianos”, e no caso, os gregos seriam os desejos inconscientes e, os troianos, o ‘super-eu’ na conceituação freudiana. E, ainda, lembrando Aristóteles, o destino do jovem está definido quando ele define a escolha da própria profissão. Parafraseando Alberti, ele afirma também, que vários fatores se estabelecem, durante a caminhada de cada adolescente, devido às muitas conjunturas e casualidades acontecidas, tornando desta forma, visíveis as diferenças de um para outro. Estas diferenças podem estar arraigadas na história de cada um, referindo-se muito mais a uma forma de gozar a vida, do que a tradição dos laços sociais que os definem.

Esta jornada tem fundamental interferência no campo das limitações de cada pessoa, por isso Alberti cita um exemplo que ilustra tão bem as conseqüências futuras das ações sem nenhum critério de avaliação.

Lembro-me de uma paciente já adulta que me relatou que quando criança era dita tão maravilhosa e capaz em todos os sentidos que, ao chegar à assim chamada “idade da razão” - em torno do final da adolescência -, ainda não tinha podido escolher uma direção em função de isso representar a perda de todas as outras... Há de se supor que, no momento da escolha diante das inúmeras possibilidades, o sujeito possa delimitar uma, e aí, nesse momento, se o adolescente puder aí se engajar, investir, escolherá seguir esta ou aquela profissão. Onde escolher um caminho profissional comporta tanto perdas quanto uma aposta. Escolher o próprio destino é não fugir dele, ao contrário, escolher apostar nele, independente de qual ele seja. (p.39- 40.).

O texto revela que escolher uma profissão não significa que a mesma seja resolução definitiva das necessidades, mas que na realidade é apenas o princípio para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do próprio ser. O que possibilita a superação de uma indagação natural da fase inicial na adolescência, sendo questionada e amadurecida, agora, na fase adulta e profissional.

Na mídia, o adolescente, é bombardeado por informações e propostas, na maioria das vezes, distante da sua realidade e/ou transmitida superficialmente para possibilitar a aplicabilidade delas. É nessa magia da imagem e do som que o adolescente toma decisões radicais, porque “eu sou dono do meu próprio nariz”. Quanto às conseqüências, “quem assume as responsabilidades são os meus pais”. Novamente, esta ambigüidade tem também, um peso relevante na frustração de

uma carreira profissional, que conseqüentemente implica de maneira desastrosa nas outras áreas.

O manejo objetal, realizado de maneira descrita, leva-o a uma série de mudanças contínuas, através das quais estabelecerá a sua identidade, seguindo um processo lógico de amadurecimento. Nesse desenvolvimento, e em parte, pelos mecanismos de negação do luto e de identificação projetiva com seus coetâneos e com seus pais, passa por períodos de confusão de identidade. O pensamento, então, começa a funcionar de acordo com as características grupais, que lhe permitem uma maior estabilidade através do apoio e do aumento que significa o ego dos outros, com o que o sujeito se identifica. (ABERASTURY, KNOBEL. p.82)

No grupo, o adolescente manifesta a liberdade de expressão do jovem contemporâneo. E ela é verbalizada através de um vocabulário próprio, que radicaliza os extremos entre “eu sou dono do meu próprio nariz” e “quem assume as responsabilidades são os meus pais”. E mais uma vez, esta ambigüidade tem peso relevante na definição de uma escolha em todas as áreas da sua vida, sejam elas: afetivas, intelectuais, profissionais e até culturais.

Esta seria uma das bases do fenômeno das turmas, onde o adolescente se sente aparentemente tão seguro, adotando papéis mutáveis e participando da atuação, responsabilidades e culpas grupais. Estas experiências grupais são transferidas a seu próprio processo de pensamento, no qual os afetos e os objetos depositários dos mesmos são também fragmentados e tratados, prescindindo de uma responsabilidade pessoal. Amor e ódio, culpa, reparação, são intermitentemente vividos com intensidade e rapidamente eliminados, para voltar a ocupar posteriormente o pensamento,

*num processo constante de aprendizagem que significa este jogo de manejo
objetal e afetivo. (ABERASTURY, KNOBEL. P.82, 83)*

Estes dois aspectos revelam a necessidade de proporcionar ao jovem adolescente uma presença saudável e constante na sua vida como referencial de apoio e orientação, cumprindo uma função educativa. Compromissados com a tarefa de refletir juntamente com o adolescente, a família e a escola, são indiscutivelmente as estruturas mais sólidas para sanar grande parte das dúvidas tão presentes na escolha profissional.

De qualquer forma, a dúvida do adolescente está associada a uma fase de desafios diversificados. (Gutierra, 2003) São desafios que se localizam em muitas áreas, tais como: física, emocional, sexual, religiosa, intelectual, social, moral, familiar, escolar, vocacional. Mas, que enfrentados com ou sem dificuldades, poderão ser encaminhados para soluções satisfatórias. É preciso lembrar sempre, que saber aceitar os desafios e enfrentá-los com as armas certas do amor, da compreensão, da confiança, da amizade, da serenidade e da firmeza de atitudes, é indiscutivelmente a certeza de vencer uma batalha com o adolescente. Estas ações precisam ser estruturadas dentro de um planejamento educacional com a parceria da família, transmitindo para o filho, equilíbrio e coerência, como um facilitador para as suas próprias escolhas.

A profissão, sem dúvida, representa fator de extrema relevância no ajustamento pessoal e individual de qualquer pessoa. A sua escolha é um passo sério e comprometedor para a realização de sonhos, para definição de objetivos, para estabelecer metas e alvos, e, estar bem consigo mesmo. A definição de uma carreira profissional implica também, na realização de um trabalho que poderá interferir na vida e no relacionamento coletivo. Por isso, que o obstáculo da

indecisão, da interferência dos pais se realizando na pessoa do filho, do utilitarismo moderno precisa de um direcionamento responsável e criteriosa. Tratar estas questões sem responsabilidade e sem nenhum critério, leva o indivíduo a pensar muito mais no que lhe pode dar sucesso material. O desconhecimento das diversas opções oferecidas e da dificuldade financeira que impede muitos jovens de uma escolha consciente, é também, outro ponto relevante e que merece tratamento especial.

PESQUISA

A pesquisa objeto deste trabalho foi realizada no contexto da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Trata-se de disciplina obrigatória do currículo do curso de Psicologia, e tem como objeto o estudo da adolescência. A pesquisa fez parte das atividades da disciplina ministrada pela Profa. Virgínia Turra no 2o. semestre de 2001. Os alunos foram treinados em sala para realizarem as entrevistas e colherem os dados, utilizando um questionário padronizado (Anexo 1).

O questionário foi elaborado para uma coleta extensa de dados. Na presente monografia, serão apresentados, num primeiro momento, alguns dados descritivos da amostra. Num segundo momento, serão analisados e discutidos as informações referentes às adolescentes do sexo feminino, que estavam se preparando para prestarem exames vestibulares, questionadas sobre o foco de preocupação na escolha do curso superior.

Os dados relativos aos adolescentes do sexo masculino foram analisados pela formanda Patrícia Albuquerque. Por isso é importante lembrar aqui que, na apresentação da amostra, dos procedimentos e dados gerais, necessária para a contextualização da pesquisa, haverá replicação dos dados deste trabalho.

Dessa maneira, dos questionários respondidos por adolescentes mulheres, foram selecionados os seguintes dados para análise: idade dos participantes, local de moradia, e tipo de escola.

Amostra

Adolescentes que prestarão o próximo exame vestibular ou prova do PAS, e que tenham, no máximo, 20 anos de idade na data da entrevista.

Uma vez descartados os protocolos não preenchidos corretamente, ou com informações dúbias ou incompletas, a pesquisa contou com a amostra total de 100 questionários.

Procedimentos

Os pesquisadores contactaram os adolescentes, utilizando a Carta de Apresentação (Anexo 2). Os adolescentes foram entrevistados individualmente, em ambiente que assegure o sigilo tanto da identidade como das respostas. No contato com o adolescente, foi explicado que:

- Tratava-se de um projeto de pesquisa de uma disciplina da Faculdade que visa conhecer melhor o adolescente no Distrito Federal.
- A participação do adolescente nesta pesquisa era voluntária, e a qualquer momento ele (o adolescente) poderia desistir da entrevista, com a eliminação imediata dos dados, sem prejuízo algum para ele.
- As respostas eram sigilosas, e os respondentes não eram de forma alguma identificados.
- Não havia respostas certas ou erradas, boas ou más, e que a resposta dele não iria influenciar na nota no trabalho do pesquisador.

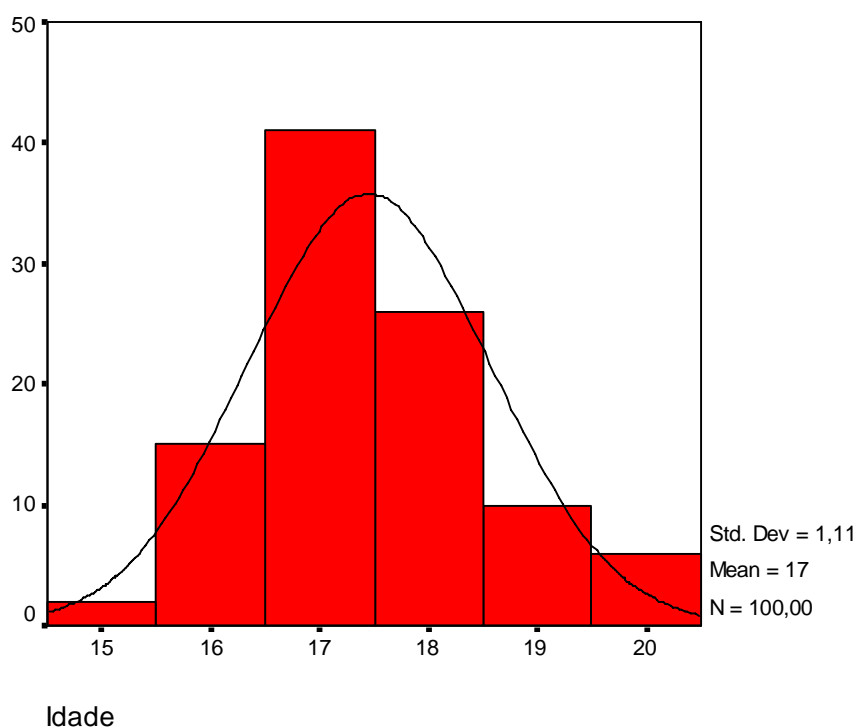
Quanto à pergunta do questionário: **"O que é que mais lhe preocupa ao fazer a sua escolha de um curso universitário?"** os pesquisadores foram instruídos a deixarem o adolescente falar livremente. Essas respostas foram gravadas e transcritas literalmente.

Apresentação e Análise dos Dados

A idade dos adolescentes, tomando como base toda a amostra de 100 participantes está representada no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1

Histograma das idades da amostra geral



A idade dos adolescentes foi delimitada, pelo procedimento, ao teto máximo de 20 anos na data da entrevista. A média da amostra geral ficou em 17 anos, coincidindo com a idade do término do 3o.ano do 2o.grau. O gráfico mostra, dessa maneira, que não se trata de uma amostra com grandes desvios da idade escolar esperada para a escolha do curso superior.

A seguir o Gráfico 4 mostra a distribuição geral de meninos e meninas por idade. Foram usados os ajustes percentuais, ainda que em sub-amostras menores que 100, uma vez que eram necessários para uma adequada comparação no contexto deste trabalho.

Gráfico 2

Distribuição geral dos gêneros por idade

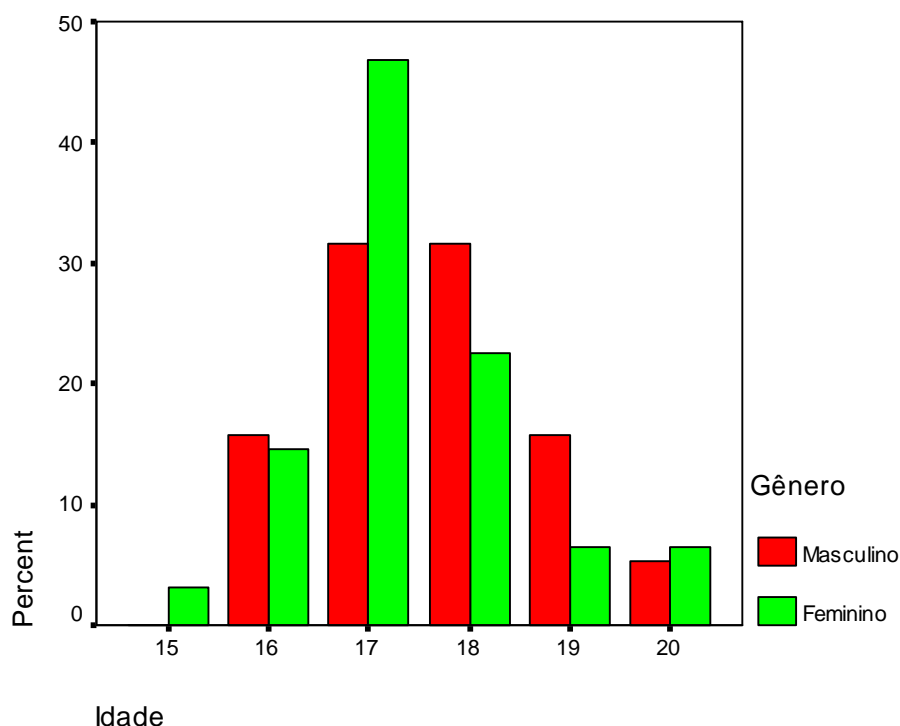
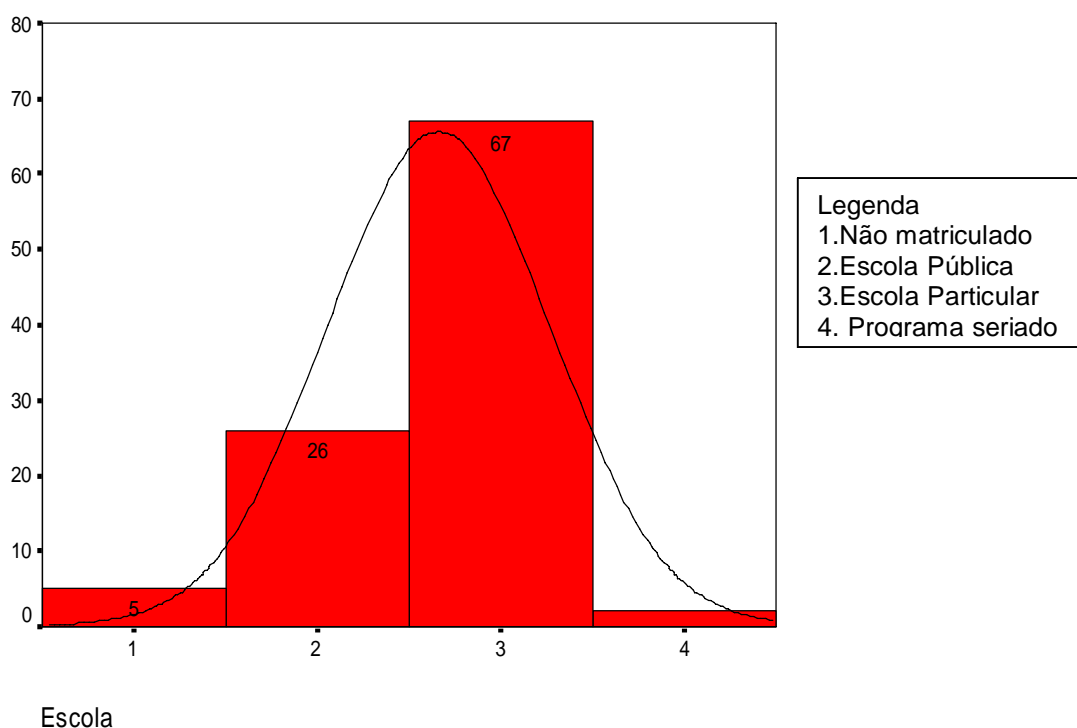


Gráfico 3

Histograma do tipo de escola na amostra geral



Observa-se que a maioria dos adolescentes entrevistados na amostra geral (N=67) estuda em escola particular. Observa-se com isso, a opção pelo ensino pago, mesmo em camadas de renda menor. Isso mostra, por um lado, o grande investimento familiar no momento do vestibular, e, por outro lado, pode-se cogitar um certo descrédito da escola pública, a ser pesquisado posteriormente.

Preocupações dos Adolescentes

As respostas dos adolescentes foram divididas em três temas ou categorias, assim definidas:

Realização pessoal

O adolescente apresenta como principal preocupação no momento da escolha de um curso universitário a perspectiva de ter um trabalho gratificante pessoalmente, que seja coerente com a identidade, com o gosto pessoal.

Exemplos de respostas:

- "Biologia eu acho que é a coisa que mais tem a ver comigo".
- "É uma profissão que eu gosto, porque eu gosto muito de hotel, viagem, essas coisas".
- "Me preocupo em gostar do que faço."

Remuneração

O adolescente apresenta como principal preocupação no momento da escolha de um curso universitário, a perspectiva de ter um trabalho de bom salário, que renda boa remuneração, que seja valorizado no mercado.

Exemplos de respostas:

- "Me preocupo em escolher um curso que consiga ganhar bastante para ajudar a minha família e nos tirar dessa vida".
- "É se no futuro eu vou ter grana".
- "*Money, money, money.*"

Outros

O adolescente apresenta como principal preocupação no momento da escolha de um curso universitário, perspectivas diversas, sem um foco determinado, que não foram quantitativamente significativas na amostra estudada, mas que podem ser objeto de investigações posteriores.

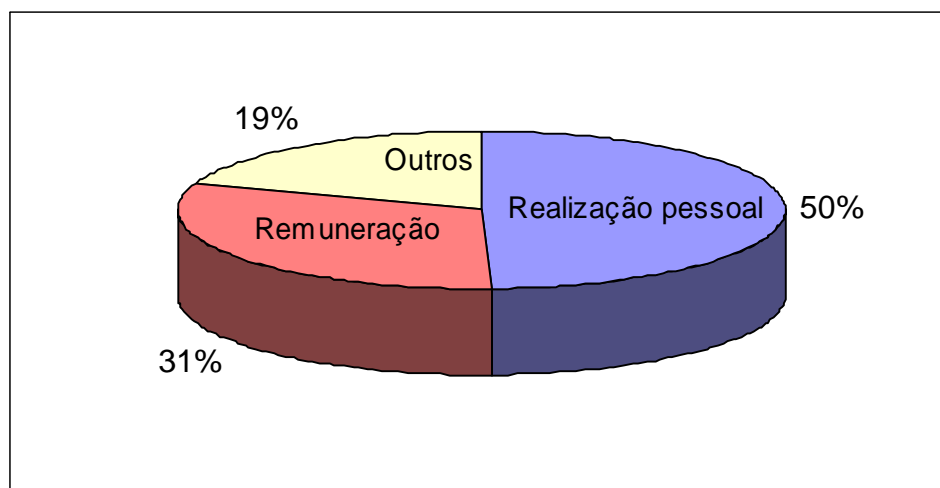
Exemplos de respostas:

- "Me preocupo em conseguir passar no vestibular".
- "Não sei se os professores vão tirar minhas dúvidas na faculdade".
- "Não parei para pensar ainda".

Essas preocupações estão demonstradas no gráfico a seguir, na amostra em geral

Gráfico 4

Distribuição percentual das preocupações na amostra total

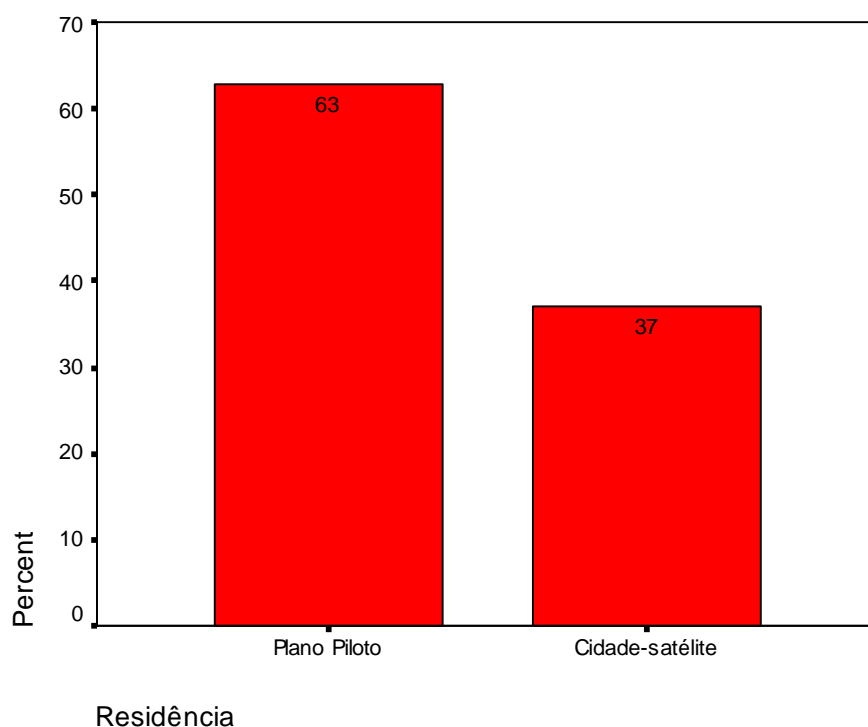


Observa-se a predominância da preocupação com a realização pessoal (50%) sobre a remuneração (31%) e outros (19%). Neste sentido, os adolescentes desta amostra parecem dispostos ao investimento em si mesmo, na satisfação pessoal.

A partir daqui, a análise será feita por gênero. Conforme explicado, este trabalho analisará a preocupação das meninas relatadas no questionário.

Gráfico 5

Distribuição percentual das meninas por residência



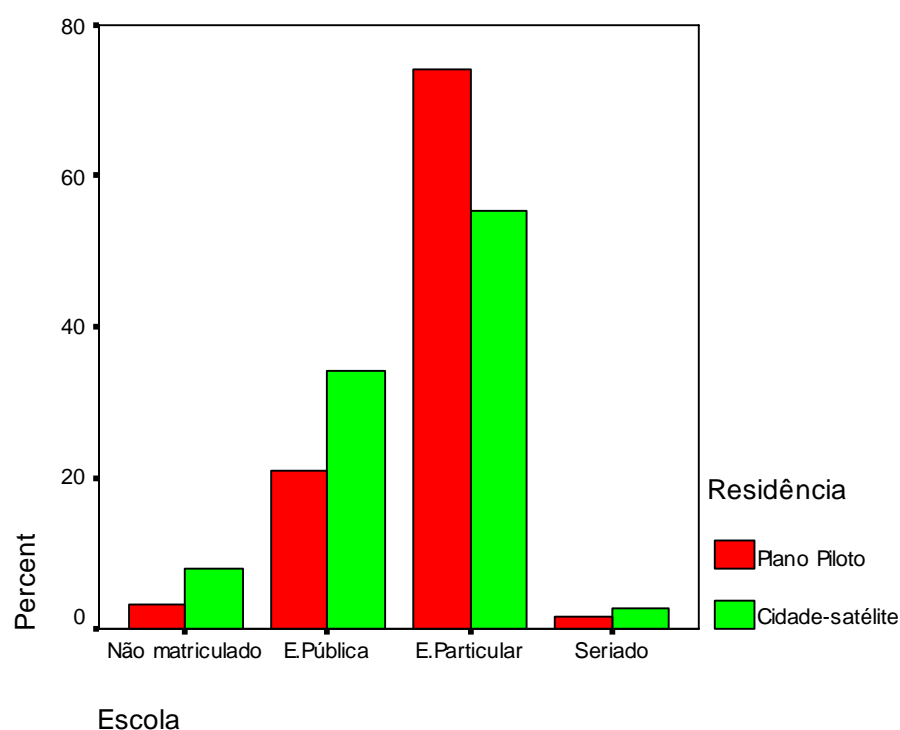
Observa-se que a maioria (63%) das meninas residem no Plano Piloto, região de classe média e média-alta do Distrito Federal. Pode-se pensar que daí a predominância na amostra de estudantes de escola particular. De fato, entre os moradores das Cidades-satélites, com renda menor do que a do Plano Piloto, houve

predominância de estudantes das escolas públicas, mas com presença marcante das escolas particulares, novamente ressaltando a enorme importância do momento do vestibular, mostrado no Gráfico 6a.

Como foi mostrado no Desenvolvimento, a adolescência tem sua complexidade marcada pelos perfis biológicos, psicológicos e sociais. Neste sentido, o Distrito Federal (DF) é marcado por uma divisão social expressa no local de moradia. O Plano Piloto tem a maior renda média mensal do DF, enquanto há uma enorme variabilidade de renda nas Cidades-satélites. Mais do que uma diferença de localização, temos uma diferença de renda e de modo de ser e de viver. É nesse complexo quadro que o adolescente faz a sua escolha.

Gráfico 6

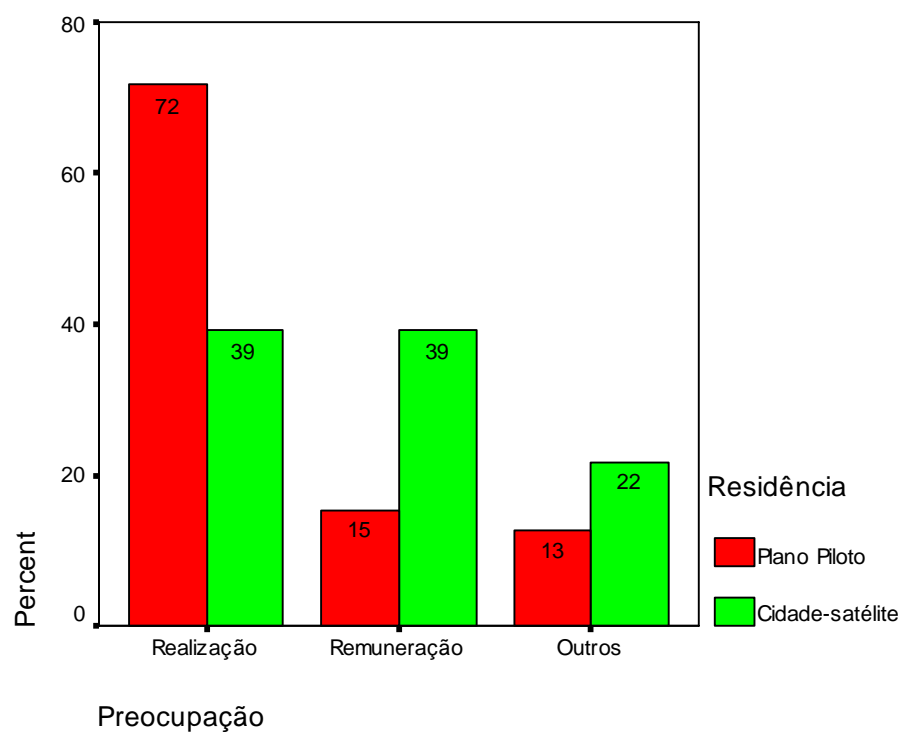
Distribuição percentual das escolas das meninas por residência



As escolas particulares, neste período assumem grande importância. É notória a concorrência pelo aluno vestibulando, reportada ao que observa Outeiral (1994) sobre o ensino massificado, sem respeito ao tempo e ao espaço necessário para se assentar os conteúdos dessa fase conturbada.

Gráfico 7

Distribuição percentual das preocupações das meninas por residência

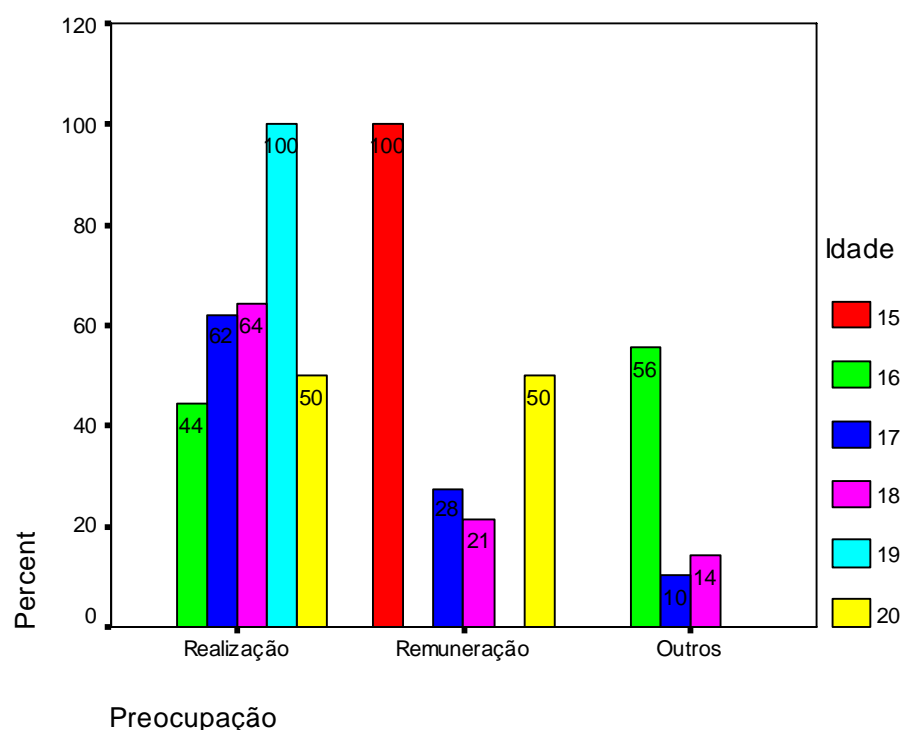


Neste gráfico, observamos o que menciona Alberti ao considerar, como Freud, as escolhas como escolhas do seu próprio destino. O que temos aqui é que parece que o destino, bem como suas escolhas têm a necessidade de sobreviver como variável a ser considerada.

Observa-se, assim, no Gráfico 7 a predominância, nas meninas do Plano Piloto da preocupação com a realização pessoal (72%), estando a remuneração e outros em patamares bem menores. No entanto, é marcada aqui a diferença cultural nas meninas residentes nas Cidades-satélites, em que houve empate (38%) entre a de realização pessoal com a urgência da necessidade de remuneração adequada. Ainda nessas meninas, observa-se inseguranças em "outros", com repostas que não chegavam a cogitar a profissão, mas prendiam-se ao momento de passar no vestibular, pagar o curso, compreender o que o professor fala, dentre outras.

Gráfico 8

Distribuição percentual das preocupações das meninas por idade



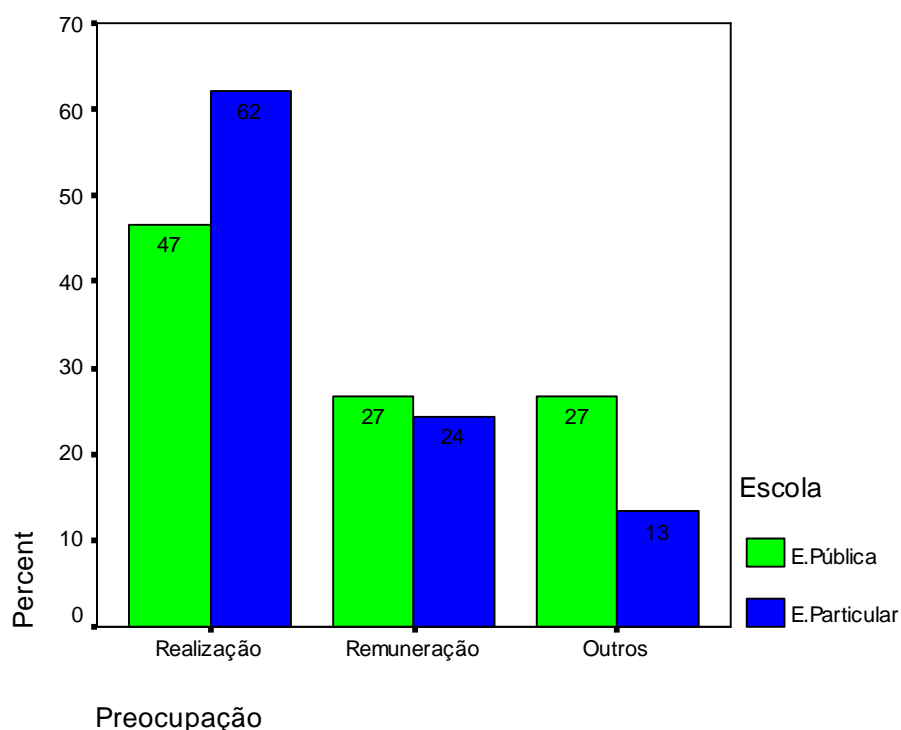
Observa-se a predominância da realização profissional das meninas concentrada nas idades de 17, 18, 19 anos. Houve preferência pela remuneração na

idade de 15 anos. No entanto, não houve citação da remuneração na faixa de 16 e 19 anos. Esses dados sugerem a necessidade de aprofundamento posterior da relação do adolescente com o dinheiro, e mesmo da representação da remuneração elaborada por uma geração nascida no apelo consumista da pós-modernidade. A faixa dos 16 anos, teve um percentual maior em outros.

A dúvida é definida como incerteza, descrença ou suspeita quanto à realidade de um fato. Quando o adolescente constata o fato de que é chegada a hora de definir a sua vocação, a reação primeira está diretamente ligada às suas experiências de vida e ao seu aprendizado familiar e escolar. Nesta relação estão inseridos dois aspectos que precisam ser cuidadosamente analisados, como veículo gerador de múltiplas opções e influência externa: o grupo e a mídia.

Gráfico 9

Distribuição percentual das preocupações das meninas por escola



Observa-se que as meninas de escola particular predominantemente têm a realização pessoal como foco na escolha, com grande diferença da opção pela remuneração. Essa diferença já não é tão grande quando se trata de escola pública, ligada, como já vimos, às meninas residentes nas Cidades-satélites.

É responsabilidade dos educadores - pais e mestres - orientarem os jovens nesta questão fundamental. Esta orientação, porém, não deve ir além da sondagem das aptidões, do estímulo sobre elas, da orientação para enfrentar as dificuldades e esclarecimentos das oportunidades. A maioria dos estudiosos afirma que cabe ao jovem, e exclusivamente a ele, fazer a sua opção. Caso ele venha se arrepender e, resolva mudar de curso ou profissão, isto não deve significar motivo de tristeza nem a ele e nem a família. Simplesmente, começa aí, uma nova batalha. É preciso compreender que o aprendizado adquirido até então, será sempre um saber acrescentado a novos saberes, o que estimula enfrentar outras opções, com sabedoria.

Toda retificação é tempo de ganho e experiência proveitosa em direção à realização pessoal e à felicidade. Todos nós podemos fazer mais por nós mesmos e pela comunidade, quando estamos no nosso verdadeiro lugar, trabalhando com amor e alegria. (TELES. 1983. p.111).

O adolescente tem diante de si, na hora da escolha profissional, uma nova realidade. A definição de sua carreira tem no contexto atual uma importância diferenciada, para atender as exigências do mercado de trabalho deste século. Ele precisa, urgentemente, enxergar e desenvolver suas habilidades para exercer a função de trabalhador do conhecimento que, junto com esta função assume compromissos com tarefas humanas: sentir, julgar, criar, desenvolver

relacionamentos. É hora de ter a consciência de que o mercado de trabalho está deixando, gradativamente, de ser um local onde só se produz, para se transformar num local onde se pensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações observadas na adolescência revelaram, durante o processo de desenvolvimento desse trabalho, a estruturação de uma identidade complexa e, ao mesmo tempo, envolvente. Numa fase de transição entre uma infância protegida e o início de uma puberdade recheada de novidades, mas com muitas dúvidas, o adolescente entra em cena.

Para uma maior compreensão do adolescente na hora de definir sua vocação profissional, foi necessário conhecer um pouco mais sobre o seu perfil biopsicosocial. A interferência destes três fatores provoca mudanças de comportamento e de atitudes no adolescente que acabam por influenciar suas decisões. Considerando que, as mudanças no corpo é motivo suficiente para provocar questionamentos e, nem sempre respondidos a tempo e a hora, logo, as transformações no seu raciocínio mental, automaticamente vem acompanhada da necessidade de criticar. Essa crítica, por sua vez, acontece no grupo social. É o grupo com o qual o adolescente se identifica e se torna cúmplice em todas as situações. Dentro desta leitura está o adolescente buscando o que ele acha que é o melhor para a sua vida, enquanto que os profissionais que buscam repostas para esta fase tão complexa, se distanciam da necessidade do relacionamento, como fator preponderante na busca de soluções.

As pesquisas sobre o tema, “A Preocupação do Adolescente na Escolha do Curso Universitário”, trouxe vários resultados surpreendentes no que diz respeito aos interesses do estudante. Mas, essa constatação parece ligada à falta de orientação adequada, por parte do adulto. Essa orientação, num primeiro momento

está ligada à omissão ou pressão da família. Isto é, ora ela não se compromete com as decisões do adolescente e ora, ela pressiona para que o mesmo faça sua opção pela carreira profissional, cujo pai ou a mãe não conseguiram se realizar.

Somadas a estas informações, pesquisas e conhecimentos sobre o que se espera do jovem adolescente para o mercado de trabalho no século XXI, conclui-se que muitas ações começam a ser discutidas e desenvolvidas. Felizmente, foi possível confirmar, através de várias literaturas, a existência de espaços, onde há pessoas comprometidas com um novo projeto de vida para as gerações futuras.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Sonia. *O adolescente e o outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BIAGGIO, Ângela M. Brasil. *Psicologia do desenvolvimento*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 343 p.
- BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise*. Introdução à psicologia psicanalítica. 5 ed. rev. aum. São Paulo: Imago, 1987. 260 p.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia da adolescência*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARDOSO, Margot. Qual é o seu projeto de vida? *Vencer*. São Paulo: v. I, n. 10, p. 31-37, julho 2002.
- FERRARI, Armando B. *Adolescência, o segundo desafio*. Considerações psicanalíticas. rev. Tradução de Marcella Mortara. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. 228 p.
- GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. *Adolescência, psicanálise e educação*. O mestre “possível” de adolescentes. São Paulo: AVERCAMP, 2003. 149 p.
- LEVISKY, David Léo. (Org.). *Adolescência*. Pelos caminhos da violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 188 p.
- OUTEIRAL, José. *Adolescer*. Estudos revisados sobre adolescência. 2 ed. rev. atual. aum. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. *Desenvolvimento humano*. Tradução de Daniel Bueno. 7. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000. 684 p.

Outras referências não citadas

BOSSA, Nádia. Adolescentes, entender a cabeça dessa turma é a chave para obter um bom aprendizado. Nova Escola. São Paulo, nº. 175, p. 46-49, setembro 2004. Está como Bossa(2003, p.7)

CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. *Adolescência*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 122 p.

FONACRIAD, João Batista Saraiva; KOERNER JUNIOR, Rolf; VOLPI, Mário (Org.). *Adolescentes privados de liberdade*. A normativa nacional e internacional & reflexões acerca da responsabilidade penal. São Paulo: Cortez, 1997. 173 p.

TELLES, Maria Luiza Silveira. *Uma introdução à psicologia da educação*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 152 p.

TRAJAN, Norberto. Foi dada a largada. Vencer. São Paulo, v. I, nº. 10, p. 39, julho 2000.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

DADOS DEMOGRÁFICOS

Sexo:

- 1. ()
- 2. ()

Idade:

_____ anos

Nascimento:

- 1. () No DF
- 2. () Fora do DF

Estado Civil:

- 1. () Solteiro(a).
- 2. () Casado(a) ou vivendo com companheiro(a).
- 3. () Separado(a) ou divorciado(a).
- 4. () Viúvo(a).

Local de residência:

- 1. () Plano Piloto. Onde? _____
- 2. () Cidade-satélite. Qual? _____

Trabalho:

- 1. () Não estou trabalhando.
- 2. () Estou trabalhando.

Escola:

- 1. () Não estou estudando.
- 2. () Estudo em escola pública.
- 3. () Estudo em escola particular.
- 4. () Estudo em programa seriado.

Seu grau instrução: (ano em curso)

- 1. () 1º ano do ensino médio.
- 2. () 2º ano do ensino médio.
- 3. () 3º ano do ensino médio.
- 4. () Ensino superior incompleto.
- 5. () Ensino superior completo.

Como foi sua última semana?

QUESTIONÁRIO:**O que é que mais lhe preocupa ao fazer a sua escolha de um curso universitário?**

ANEXO II: Carta de Apresentação

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA.
DISCIPLINA: PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO II
PROFa. VIRGINIA TURRA.
SEMESTRE: 02/2001.

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Apresento o(a) aluno(a) _____, R.A. _____, regularmente matriculado(a) na disciplina Psicologia do Desenvolvimento II do UniCEUB. Esta disciplina exige dos alunos um trabalho de pesquisa que consiste em entrevistar adolescentes que prestarão o próximo exame vestibular ou prova do PAS, e que tenham, no máximo, 20 anos de idade na data da entrevista.

Esclarecemos que a participação dos entrevistados é voluntária, e a qualquer momento o adolescente poderá desistir da entrevista, sendo os dados imediatamente eliminados, sem prejuízo para o adolescente. As informações fornecidas serão utilizadas somente para o propósito de pesquisa. Os resultados serão processados como um todo, não havendo identificação dos participantes.

Quaisquer dúvidas a respeito da pesquisa ou queixas sobre o comportamento do(a) aluno(a) entrevistador(a) poderão ser dirigidas à Professora, no Departamento de Psicologia do UniCEUB, no telefone 447.4129.

Agradecemos antecipadamente a atenção que for dispensada aos universitários.

Esta Carta de Apresentação tem validade até 28 de setembro de 2001.

Brasília(DF), 09 de agosto de 2001.

Virginia Turra
Registro UniCEUB 048145
Professora da Disciplina